

SERMÃO 19

NOTAS INTRODUTÓRIAS

“Este sermão – diz o Prof. Burwash – coloca diante de nós, mui claramente, a idéia de Wesley acerca da relação da experiência cristã, ou consciência, com a nova *vida moral*. Ele estabelece como princípio fundamental que o sentimento consciente da presença de Deus não pode coexistir com o consciente consentimento do pecado. E como Wesley não conhece religião oculta, ao favor de Deus por imputação, que não foi revelado, uma vontade santa vem a ser o resultado da verdadeira religião e uma condição inseparável de sua persistência.

Esta exigência da retidão da vontade aparece no próprio frontal da teologia metodista. Prende-se, de um lado, às doutrinas arminianas da responsabilidade e liberdade, e, de outro, forma o primeiro degrau da doutrina wesleyana da santidade bíblica, cuja coroa é a perfeição cristã. A teologia que abraça tais elementos fundamentais não pode ter compromisso com o Antinomianismo. Se um propósito conscientemente santo da vontade entra em toda vida verdadeiramente cristã, deve, logo, existir uma lei de Deus segundo a qual se dirige essa santa vontade. Assim, toda a lei moral figura, não como adição decorativa, mas como elemento essencial, na verdadeira experiência cristã. Segundo o plano de Wesley, encontramos, a partir daqui, em ordem, uma exposição da lei moral cristã, tendo como base o Sermão do Monte.

O Metodismo é, pois, caracteristicamente, um *cristianismo ético*. Wesley parece combinar em sua própria vida religiosa e em seus ensinos todos os elementos éticos com que se pôs em contacto. A santidade é a concepção central de Deus e da religião, sendo a única perfeição do homem.

Neste conceito da religião, a *vontade* se torna o fator mais importante. É a vontade que estabelece a diferença fundamental entre toda a involuntária imperfeição moral e a maldade e o pecado, preeminentemente assim chamado, que gera a culpa e a separação de Deus”.

ESBOÇO DO SERMÃO 19

A justificação e a regeneração, apesar de se realizarem simultaneamente, são distintas por natureza, uma constituindo mudança relativa e outra mudança real; uma operando por nós, outra operando em nós; uma removendo a culpa, outra o domínio do pecado.

I. O significado da expressão: “O que é nascido de Deus”.

Não batismo ou qualquer mudança exterior, mas, sim, mudança interior, dando início a uma vida diferente. Analogia do nascimento natural. A nova percepção da vida espiritual.

II. Em que sentido ele não comete pecado.

O pecado definido como atual, voluntária transgressão da lei. Este não pode ser cometido pelo homem que persevera na fé, no amor e na oração. Mas alguns dessa condição pecaram: Davi, Barnabé, Pedro. *Resposta*: Há uma condição: “Ele guarda-se a si mesmo”. O pecado é, primeiro, negativo: falta de vigilância; depois, pecado interior positivo; depois positiva transgressão exterior. A última é sempre precedida da perda da fé. Oito passos da queda merecem comentários.

III. Aprendemos quatro lições.

O GRANDE PRIVILÉGIO DOS QUE SÃO NASCIDOS DE DEUS

“O que é nascido de Deus, não peca”.

(1João 3.9)

1. COM freqüência se pensa que ser nascido de Deus é o mesmo que ser justificado; que o novo nascimento e a justificação são apenas variantes da expressão com que se designa a mesma coisa. É certo que, de um lado, o que é justificado é também nascido de Deus, e, de outro lado, é verdade que todo o que é nascido de Deus é também justificado, sendo que ambos os dons de Deus são conferidos a todo crente, no mesmo instante. Num abrir e fechar de olhos seus pecados se cancelam e o crente é de novo nascido de Deus.

2. Embora se reconheça que a justificação e o novo nascimento sejam, quanto ao tempo em que se produzem, inseparáveis, somos forçados a admitir que, sob outro aspecto, facilmente se distinguem ou do outro, não sendo a mesma coisa, mas, ao revés, coisas de natureza inteiramente diversa. A justificação somente implica em mudança relativa; o novo nascimento representa mudança real. Justificando-nos, Deus *nos* concede alguma coisa; gerando-nos de novo, Ele opera alguma coisa *em nós*. A primeira muda nossa relação exterior para com Deus, de modo que, de inimigos que éramos, nos tornamos filhos de Deus; o último tem como conseqüência a mudança íntima de nossas almas, de modo que, de pecadores que éramos, nos fazemos santos. Um dom restaura-nos a favor de Deus; o outro nos reintegra na sua imagem. Um representa o cancelamento da culpa do pecado; o outro vem a ser a supressão do domínio do pecado. Assim, embora essas dádivas celestiais de início se unam, elas se separam no tocante à natureza totalmente diversa que possuem.

3. O não discernimento dessa distinção, a não observância da grande diferença que existe entre o ser justificado e o ser nascido de novo, tem ocasionado enorme confusão de espírito por parte dos que trataram deste assunto, principalmente ao intentarem explicar este notável privilégio dos filhos de Deus, mostrando que “o que é nascido de Deus não peca”.

4. Para compreender claramente esta matéria, é necessário considerar: primeiro, qual é a significação exata da expressão: “o que é nascido de Deus”; e, em segundo lugar, em que sentido esse tal “não comete pecado”.

I

1. Primeiro, consideraremos qual é o exato significado da expressão: “o que é nascido de Deus”. Em geral; de todas as passagens da Sagrada Escritura onde ocorre a expressão: “ser nascido de Deus”, aprendemos que ela não implica meramente em ser o homem batizado, nem implica em qualquer mudança exterior de não importa que espécie, mas numa grande mudança interior, mudança operada na alma pela influência do Espírito Santo; mudança em todo o modo de existência, porque, desde o momento em que somos nascidos de Deus, passamos a viver de maneira totalmente diversa do que éramos antes; entramos, por assim dizer, num mundo diferente.

2. A base e o fundamento da expressão são fáceis de entender. Quando passamos por essa grande mudança, podemos dizer com muita propriedade que nascemos outra vez, porque há tão estreita semelhança entre as circunstâncias do nascimento natural e as do nascimento espiritual, que considerar as primeiras, isto é, as que envolvem o nascimento natural, é o processo mais simples para chegarmos à compreensão do nascimento espiritual.

3. A criança ainda não nascida na verdade respira, como tudo que vive, mas não o *sente*, como não experimenta qualquer outra sensação, a não ser que o faça de modo muito grosseiro e imperfeito. Ela *ouve* pouco, se acaso ouve, estando os órgãos da audição como que trancados; nada *vê*, estando seus olhos fixamente cerrados e, além disso, cercados de treva profunda. Existe, sem dúvida, quando o tempo de nascer se aproxima, algum débil começo de vida, e, em conseqüência, algum movimento, graças ao qual ela se distingue da simples massa de matéria inerte; mas não há percepção, inteiramente vedadas como se acham todas as vias do conhecimento de que se serve a alma. Daí resulta ser quase nulo o contacto com este mundo visível, não sendo possível qualquer conhecimento, concepção ou idéia das coisas que nele

ocorrem.

4. A razão pela qual o que ainda não é nascido é de todo estranho ao mundo visível, não está no afastamento deste: o mundo está muito próximo, cercado-o de todos os lados; mas, em parte, por lhe faltarem aqueles sentidos, que ainda não se abriram em sua alma, e que são as únicas janelas através das quais se torna possível o estabelecimento de relações com o mundo exterior; e, em parte, por se achar de permeio um véu espesso, para além do qual nada se pode discernir.

5. Logo, porém, seja a criança nascida para o mundo, passa a existir de maneira totalmente diversa. Agora ela *sente* o ar do que se acha cercada e que nela penetra por todos os lados, tão logo o respire e aspire alternativamente, na ânsia de entreter a chama da vida: daí deflui um contínuo aumento de forças, de movimento e de sensação; todos os sentidos corporais agora despertam e habilitam-se para as funções que lhes são próprias.

Seus olhos agora se abrem à percepção da luz que, cintilando brandamente sobre o que nasceu, habilita-o não somente a descobrir-se a si mesmo, mas a descobrir uma variedade infinita de coisas de que dantes se achava inteiramente divorciado. Seus ouvidos se descerram e os sons rolam sobre eles numa interminável variedade de notas. Cada sentimento se orienta para objetos que lhe são peculiarmente adaptáveis; por meio desses canais a alma, alcançando saídas abertas para o mundo visível, adquire conhecimento cada vez maior das coisas tangíveis, - de todas as coisas que existem debaixo do sol.

6. Assim acontece com o que é nascido de Deus. Antes que se opere a grande mudança, embora subsista pelo poder daquele em que tudo existe “vive, move-se e tem o ser”, todavia não tem *percepção* de Deus; não *sente*, não possui consciência íntima de sua presença. Não percebe aquele sopro divino da vida, sem o qual ninguém pode subsistir por um momento; nem é sensível a qualquer das coisas de Deus, as quais são lhe causam nenhuma impressão na alma. Deus continuamente chama por ele desde o alto, mas o pecador não ouve; seus ouvidos estão surdos, de modo que para ele se perde “a voz do encantador”, a qual “nunca mais encanta como devia”. Não percebe as coisas do Espírito de Deus, visto estarem cerrados os olhos de seu entendimento, trevas espessas cobrindo-lhe a alma e cercado-a por todos os lados. É verdade que tal homem pode ter algum fraco lampejo de vida, algum débil começo de movimento espiritual; como, porém, não possui sentidos espirituais capazes de discernir as coisas espirituais, - “não discerne as coisas do Espírito de Deus; não as pode conhecer, porque elas se discernem espiritualmente”.

7. Daí resulta que o pecador tem escasso conhecimento do mundo invisível, assim como com este mantém escassa relação. Não que tal pessoa esteja longe do mundo invisível; ao contrário, está em meio dele, rodeado inteiramente de suas influências. O *outro mundo*, como usualmente o designamos, não se acha distante de nenhum de nós: está por cima e debaixo de nós, assim como o nosso redor. Somente o homem natural não o percebe, em parte por não possuir sentidos espirituais capazes de se aplicarem à percepção das coisas de Deus, e, em parte, porque existe um véu tão denso interposto entre sua alma e as coisas de Deus, que não há meios de divisar o que se encontra do outro lado.

8. Quando, porém, ele é nascido de Deus, nascido do Espírito, como se muda todo seu modo de ser! Toda sua alma é agora sensível às manifestações de Deus e o homem pode dizer com segura experiência: “Estás ao redor do meu leito e em torno de meus passos”; sinto-te em todos os meus caminhos: “tu me cercas por diante e por detrás e colocas tua mão sobre mim”. O Espírito ou o sopro de Deus imediatamente se infunde na alma que nasceu de novo, e esse mesmo sopro que veio de Deus para Ele volta: sendo continuamente inspirado pela fé, é continuamente expirando pelo amor, pela oração, pelo louvor, pelas ações de graças, sendo amor, os louvores e as orações a respiração de toda a alma que é verdadeiramente nascida de Deus. Por essa nova espécie de respiração espiritual, a vida espiritual se sustenta, crescendo diariamente em vigor, movimento e sensibilidade: despertados agora os sentidos da alma, esta se torna capaz de discernir espiritualmente o bem e o mal.

9. “Os olhos de seu entendimento” estão agora “abertos” e ele “vê o invisível”. Percebe qual é “a elevada grandeza de seu poder” e de seu amor para com os que crêem. Vê que Deus é misericordioso para com ele, pecador; vê que se encontra reconciliado com Deus mediante o Filho de seu amor. Claramente percebe tanto o amor perdoador de Deus, como suas “grandes e preciosas promessas”. “Deus, que das trevas faz brilhar sua luz, resplandeceu”, e resplandece ainda, “em seu coração”, para esclarecê-lo no

“conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo”. Todas as trevas agora se dissiparam e ele permanece na luz da presença de Deus.

10. Seus ouvidos estão agora abertos e não mais clama em vão a voz de Deus. Ouve, obedece à voz celestial; conhece a voz de seu Pastor. Todos os seus sentidos espirituais estando agora despertados, mantêm claro intercâmbio com o mundo invisível; conhece, em consequência, cada vez mais, as coisas que dantes não podiam “entrar em seu coração para que as percebesse”. Conhece agora o que é a paz de Deus, o que é a alegria no Espírito Santo, qual a extensão do amor de Deus que foi derramado no coração daqueles que nele crêem através de Cristo Jesus. Removido o véu que dantes vedada a luz e a voz, o conhecimento e o amor de Deus, o que é nascido de Deus pelo Espírito, estando em amor, “está em Deus, e Deus nele”.

II

1. Tendo considerado o que quer dizer a expressão: “o que é nascido de Deus”, resta-nos inquirir, em segundo lugar, em que sentido “Ele não comete pecado”. Ora, o que é nascido de Deus, como se descreveu acima, continuamente recebendo na alma o fôlego de vida comunicado por Deus e a graciosa influência de seu Espírito, - e constantemente devolvendo esse sopro; o que é nascido de Deus, crendo, amando e constantemente percebendo, pela fé, a ação de Deus sobre seu espírito, retribui, por uma espécie de reação espiritual, a graça que recebe, com incessante amor, louvor e oração, - e assim não só não comete pecado, enquanto se guarda a si mesmo, mas, durante o tempo em que essa “semente permanece nele, não pode pecar, porque é nascido de Deus”.

2. Por pecado entendo aqui exterior, segundo a acepção clara e comum da palavra: uma transgressão atual, voluntária, da lei, da lei de Deus revelada e escrita, de qualquer mandamento de Deus, reconhecido como tal ao tempo da transgressão. Mas, “o que é nascido de Deus”, enquanto permanece na fé e no amor, no espírito de oração e de ações de graças, não só comete, mas não pode cometer semelhante pecado. Enquanto assim crê em Deus através de Cristo, ama-o, derrama o coração diante dele e não pode voluntariamente transgredir nenhum mandamento de Deus, nem falando, nem agindo de forma que saiba ser proibido por Deus: enquanto aquela semente nele permanece, a fé, que se expressa em amor, oração e louvor, compele-o e refrear-se de tudo que saiba ser abominável à vista do Senhor.

3. Aqui se levantará imediatamente uma dificuldade, e dificuldade que a muitos se tem afigurado insuperável, induzindo-os a negarem a clara afirmativa do apóstolo e a renunciarem o privilégio dos filhos de Deus.

É fato conhecido que muitos, acerca dos quais não podemos negar tenham verdadeiramente nascido de Deus (dando-nos o Espírito de Deus, em sua Palavra, infalível testemunho a respeito deles), a despeito de tudo, não somente podem cometer, mas na realidade cometem pecado, mesmo grave pecado exterior. Transgridem claras e conhecidas leis de Deus, usando de palavras e praticando obras que sabem ser proibidas por Deus.

4. Assim, Davi foi inquestionavelmente nascido de Deus; do contrário jamais teria sido ungido rei de Israel. Saiba em quem tenha crido; “era forte na fé, dando glória a Deus”. “O Senhor – diz ele – é o meu Pastor, nada me faltará. Ele me levará a verdes pastos e às águas vivas me conduzirá. Ainda quando eu ande no vale da sombra da morte, nada temerei; porque tu estás comigo” (Sl 23.1ss). Estava cheio de tal amor que o constrangia com freqüência a exclamar: “Amar-te-ei, ó Senhor, minha fortaleza; o Senhor é minha rocha e minha defesa; a haste de minha salvação e meu refúgio” (Sl 18.1,2). Era homem de oração; em todas as circunstâncias da vida derramava a própria alma no seio de Deus; era pródigo em súplicas e ações de graças. “Teu louvor – dizia – jamais se apartará de minha boca” (Sl 34.1): “Tu és meu Deus e eu te darei graças; tu és meu Deus e eu te louvarei” (Sl 128.28). E, contudo, esse filho de Deus podia cometer e de fato cometeu pecado, sim, os horríveis pecados de adultério e de homicídio!

5. Mesmo depois que o Espírito Santo foi mais largamente derramado, depois que “a vida e a imortalidade foram trazidas à luz pelo Evangelho”, não nos faltam exemplos da mesma triste espécie, os quais também foram indubitavelmente escritos para nosso ensino. Assim, aquele que, (provavelmente por ter vendido tudo quanto possuía e entregue o produto para o sustento dos irmãos necessitados), fora pelos próprios apóstolos cognominado Barnabé, isto é, “Filho da Consolação” (At 4.36,37); o homem que, em

Antioquia, era tão considerado que foi escolhido, juntamente com Paulo, dentre todos os discípulos, para levar auxílio aos irmãos da Judéia (At 11.29,30); esse Barnabé que, em seu regresso da Judéia, foi, por especial direção do Espírito Santo, solenemente “separado dos outros profetas e doutores para a obra a que Deus o chamara” (13.1-4), a qual consistia em acompanhar o grande apóstolo em missão aos gentios, sendo seu cooperador em todos os lugares, - apesar de tudo, logo a seguir se mostrou tão rude (15.35,39) em sua contenda com S. Paulo (porque esta “não julgava conveniente levarem consigo a João”, na segunda visita aos irmãos, visto que João “se separara deles desde a Panfília, e com eles não se associara no serviço”), que por sua vez também se apartou do trabalho e, “tomando consigo a João, navegou para Chipre” (15.39), esquecendo-se daquele a quem se havia associado, de modo tão direto, pelo Espírito Santo!

6. Exemplo mais impressionante do que os mencionados S. Paulo no-lo refere em sua Epístola aos Gálatas. Quando Pedro, o mais velho, o mais zeloso, o primeiro dos apóstolos, um dos três mais altamente favorecidos pelo seu Senhor, “veio a Antioquia, eu lhe resisti na cara, porque se tornara repreensível. Porque, antes que viesse alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios” – pagãos convertidos à fé cristã, - uma vez que havia sido particularmente ensinado por Deus a “não tratar a ninguém como comum ou impuro (At 10.28). “Mas, quando eles vieram, ele (Pedro), separou-se, temendo os que eram da circuncisão. E os outros judeus dissimularam do mesmo modo que ele, de sorte que também Barnabé foi levado na mesma dissimulação. Quando vi que eles não andavam retamente segundo a verdade do Evangelho, disse a Pedro na presença de todos: Se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios”, - não guardando a lei de Moisés, - “por que obrigas os gentios a viverem como judeus?” (Gl 2.11 ss). Aí está o fato líquido, incontestável, de pecado cometido por um homem que era, sem dúvida alguma, nascido de Deus. Como se pode conciliar este fato com a afirmativa de S. João: “o que é nascido de Deus não peca”, tomando-se esta passagem em sua significação óbvia e literal?

7. Respondo: o que tem sido detidamente observado é isto: enquanto “o que é nascido de Deus guarda-se a si mesmo”, (o que ele pode fazer pela graça de Deus), “o maligno não lhe toca”; mas, se não se guardar, se não permanecer na fé, pode cometer como qualquer outro homem.

É fácil, pois, compreender como qualquer daqueles filhos de Deus podia ter sido abalado em sua firmeza e ainda permanecer de pé, inabalável, a grande verdade de Deus, anunciada pelo apóstolo. Ele não “se guardou a si mesmo” mediante aquela graça de Deus que seria suficiente: deste modo caiu, pouco a pouco, primeiro em pecado negativo, interior, “não acendendo o dom de Deus que nele estava”, não “valendo em oração”; depois em pecado positivo, interior, inclinando o coração para a mal-dade, dando lugar a algum mau desejo ou tendência perversa; depois perdeu a fé, a visão de um Deus perdoador, e conseqüentemente perdeu o amor de Deus; e, tornando-se então fraco e semelhante a qualquer homem natural, era capaz de cometer mesmo pecado exterior.

8. Esclareçamos este ponto por um exemplo particular: Davi era nascido de Deus e via a Deus pela fé. Amava a Deus em sinceridade. Podia verdadeiramente dizer: “A quem tenho eu nos céus, senão a ti? E nada há sobre a terra”, nem pessoa, nem coisa, “que eu deseje em competição contigo”. Mas ainda permanecia em seu coração a corrupção da natureza, que é a semente de todo o mal.

“Estava ele passeando no terraço de sua casa” (2Sm 11.2), provavelmente louvando ao Deus a quem amava sua alma, quando, olhando para baixo, viu Betsabé. Davi caiu em tentação; veio-lhe um pensamento que tendia para o mal. O Espírito de Deus não deixou de convencê-lo do perigo. Sem dúvida, ele ouviu e reconheceu a voz acauteladora; mas o rei de algum modo rendeu-se ao pensamento e a tentação começou a prevalecer contra si. Daí seu espírito se tornou contaminado; viu ainda a Deus, mas não com igual nitidez, nem com a mesma força e ardor de afeição. Deus ainda o repreendeu, embora seu Espírito se sentisse ofendido; e sua voz, apesar de se fazer cada vez mais débil, ainda avisou: “O pecado está à porta; olha para mim e serás salvo”. Davi não queria, entretanto, ouvir: olhou outra vez, não para Deus, mas para o objetivo proibido, e a natureza, tornando-se superior à graça, acendeu-se em sua alma a cobiça.

Os olhos de sua mente fecharam-se de novo e Deus se dissipou de sua vista. A fé, a divina, sobrenatural comunhão com Deus, assim como o amor de Deus, cessaram ao mesmo tempo: então ele correu como um

cavalo para a batalha e conscientemente praticou o pecado exterior.

9. Vede a descida indubitável da graça para o pecado: assim rola o pecador de degrau em degrau. (1) A divina semente do amor, a fé dominadora, permanece naquele que é nascido de Deus. “Ele se guarda a si mesmo”, pela graça de Deus, e “não pode pecar”. (2) Levanta-se a tentação: não importa se do mundo, da carne e do diabo. (3) O Espírito de Deus lhe dá aviso de que o pecado está próximo e adverte-o a velar mais atentamente em oração. (4) Ele de algum modo dá lugar à tentação, que agora começa a agradar-lhe. (5) O Espírito Santo se ofende; sua fé se abala; resfria-se o amor de Deus. (6) O Espírito o reprova mais energicamente, dizendo: “Este é o caminho: anda por ele”. (7) O pecador não dá ouvidos à voz clamorosa de Deus e corre para a voz macia do tentador. (8) O mau desejo começa a espalhar-se-lhe na alma, até que se dissipem a fé e o amor: o homem é então capaz de cometer o pecado exterior, tendo dele se apartado o poder de Deus.

10. Explanemos esta questão por meio de outro exemplo: o apóstolo Pedro estava cheio de fé e do Espírito Santo, e, guardando-se a si mesmo por esses dons, tinha consciência livre de ofensa perante Deus e perante os homens.

Andando assim em simplicidade e piedosa sinceridade, “antes que alguns viessem da parte de Tiago, comia com os gentios”, sabendo que o que Deus havia purificado, já não era comum ou impuro.

Mas, “quando eles vieram”, a tentação se levantou em seu coração para “temer aos da circuncisão” (os judeus convertidos, que eram zelosos da circuncisão e de outros ritos da lei mosaica), e encarou o favor e o agrado daqueles homens como sendo de mais valia do que o agrado de Deus.

Foi avisado pelo Espírito de que o pecado estava próximo; não obstante, não deu ouvidos de modo algum à advertência, deixou-se vencer pelo temor pecaminoso do homem na mesma proporção se lhe abalaram a fé e o amor.

Deus o reprovou outra vez por haver dado lugar aos diabo. Todavia, ele não quis ouvir a voz de seu Pastor, mas entregou-se a si mesmo à escravidão do temor e por ela extinguiu o Espírito.

Então Deus desapareceu e, tendo-se dissipado a fé e o amor, cometeu o pecado exterior; andando não retamente, não “de acordo com a verdade do Evangelho”, “separou-se” dos irmãos em Cristo e, por seu mau exemplo, senão também pelo seu conselho, “compeliu os gentios a viverem à maneira dos judeus”, a se colocarem outra vez debaixo do “jugo da escravidão”, de que “Cristo os havia libertado”. Assim, é absolutamente certo que, o que é nascido de Deus não peca, não pode pecar, e que, se não se guarda, pode cometer com avidez toda sorte de pecados.

III

1. Das considerações precedentes aprendemos, primeiro a maneira de dar clara e incontestável resposta à pergunta que freqüentemente confunde a muitos que são sinceros de coração: “O pecado precede à perda da fé ou segue-a? O filho de Deus primeiro comete pecado e em seguida perde a fé, ou perde primeiro a fé, antes de cometer pecado?”

Respondo: Alguns pecados de omissão, pelo menos, necessariamente precedem à perda da fé: isto se dá com algum pecado interior; mas a perda da fé deve preceder à prática do pecado exterior.

Quanto mais o crente examinar o próprio coração, mais se convencerá disto: a fé, operando por amor, exclui o pecado, tanto interior como exterior, da alma que vigia em oração; que, não obstante, estamos sujeitos à tentação, principalmente ao pecado que comodamente nos rodeia; que, se os olhos da alma, cheios de amor, permanecerem fitos em Deus, a tentação logo se dissipará; mas, se isto não acontecer, se fomos ἐξελκομενοι (como diz o apóstolo Tiago, no versículo 14 do capítulo um); se se substitui a Deus pelo nosso próprio desejo, δειλαζόμενοι, colhido é o homem pelo engodo dos prazeres presentes ou antevistos; então aquele desejo, concebendo em nós, produz o pecado, e, destruída nossa fé por esse pecado interior, tal circunstância faz-nos cair no laço do diabo, de modo que podemos cometer qualquer pecado exterior de não importa que espécie.

2. Do que tem sido dito aprendemos, em segundo lugar, o que é a vida de Deus na alma do crente; em que ela propriamente consiste e o que imediata e necessariamente se acha aí implícito.

Imediata e necessariamente implica na contínua inspiração do Espírito Santo, o sopro de Deus na alma e a respiração da alma retribuindo o que primeiro recebeu de Deus; implica numa contínua ação de Deus

sobre a alma, e numa reação da alma para com Deus; implica na incessante presença de Deus, do Deus que ama e perdoa, revelada ao coração e apreendida pela fé; implica numa constante retribuição de amor, louvor e oração, oferecendo nós todos os pensamentos de nosso coração, todas as palavras de nossos lábios, todas as obras de nossas mãos, todo nosso corpo, alma e espírito para serem um sacrifício santo, aceitável a Deus em Cristo Jesus.

3. Daí podemos inferir, em terceiro lugar, a absoluta necessidade dessa reação da alma (ou que outro nome tenha), para que nela continue a vida divina. Porque claramente se observa que Deus não quer que a alma reaja sobre Deus. Na verdade que Ele nos habilita a isto, com as bênçãos de sua bondade. Primeiro nos ama e manifesta-se a nós. Enquanto estamos longe Ele nos chama para junto de si e resplandece sobre os nossos corações. Mas se não amarmos àquele que primeiro nos amou; se não dermos ouvido à sua voz; se dele desviarmos os olhos e não atentarmos para a luz que Ele projeta sobre nós, — seu Espírito não contenderá para sempre: gradualmente se ocultará, deixando-nos entregues à treva de nossos corações. Não continuará a infundir-nos na alma o seu sopro, a não ser que nossa alma lhe devolva, sob a forma de amor e de fé, esse sopro recebido; a não ser que nosso amor, orações e ações de graças voltem, subam para Ele, como um sacrifício de que se agrada.

4. Aprendamos, finalmente, a seguir as direções do apóstolo: “Não te glories, mas teme”. Tenhamos maior temor ao pecado do que à morte ou ao inferno. Tenhamos um temor zeloso, embora não aflitivo, sob pena de adormecermos no engano de nossos próprios corações. “O que está de pé, veja não caia”. Mesmo o que no presente se acha firme na graça de Deus, na fé que vence o mundo, pode, não obstante, cair no pecado interior e, através deste, “naufragar em sua fé”. E quão facilmente o pecado reassumirá então seu domínio sobre ele! Tu, pois, ó homem de Deus! Vigia sempre, para que sempre ouças a voz de Deus. Vigia, para que ores sem cessar, em todos os tempos e em todos os lugares, abrindo teu coração diante de Deus. Deste modo sempre terás fé, sempre terás amor – e não pecarás jamais!

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 19

- P. 1. (§ 1). O novo nascimento e a justificação são a mesma coisa?
- P. 2. (§ 2). Embora inseparáveis, como se distinguem eles?
- P. 3. (§ 3). Qual tem sido o resultado da inobservância dessa profunda diferença?
- P. 4. (I. 1). Que considera primeiro o pregador?
- P. 5. (I. 2). A que se assemelha o nosso nascimento?
- P. 6. (I. 3). Que se diz da criança ainda não nascida?
- P. 7. (I. 4). Por que a criança é alheia ao mundo visível?
- P. 8. (I. 5). Que se segue ao nascimento natural?
- P. 9. (I. 6). Como se define a analogia?
- P. 10. (I. 7). Por que não se discerne o “outro mundo”?
- P. 11. (I. 8). Que se segue ao novo nascimento?
- P. 12. (I. 9). Que se diz de sua visão espiritual?
- P. 13. (I. 10). E de sua audição?
- P. 14. (II. 1). Qual é a segunda investigação?
- P. 15. (II. 2). Que se entende aí por pecado?
- P. 16. (II. 3). Que dificuldade imediatamente se levanta?
- P. 17. (II. 4). Davi era nascido de Deus? E quando? E depois ele cometeu pecado?
- P. 18. (II. 5). Que tristes exemplos ocorreram nos dias dos apóstolos?
- P. 19. (II. 6). Que exemplo mais espantoso se menciona?
- P. 20. (II. 7). Como o pregador responde à questão?
- P. 21. (II. 8). Como se explica isto?
- P. 22. (II. 9). Qual é a marcha da graça para o pecado?
- P. 23. (II. 10). Como se explica isso por um exemplo particular?
- P. 24. (III. 1). Que aprendemos do que precede?

- P. 25. (III. 2). Que aprendemos em segundo lugar?
- P. 26. (III. 3). Qual é a terceira inferência?
- P. 27. (III. 4). Que aprendemos por último?
- P. 28. (III. 5). Com que aviso se conclui o discurso?